

Chegaram a Coruscant na calada da noite. Dez deles, disfarçados como comerciantes Jawa, entraram no palácio pela passagem que a Segurança selara com cuidado e Leia abrira. Chegar à Torre não apresentou problema... ninguém ainda tivera tempo de fazer nada a respeito do labirinto de passagens secretas do Imperador.

Lotaram em silêncio a suíte, atrás de Luke. Han teve a oportunidade de conhecer os guarda-costas que sua esposa escolhera para protegê-la e aos bebês, dos ataques do Império.

Um grupo noghri.

— Nós a saudamos, Lady Vader — disse o primeiro dos alienígenas de pele cinza em voz grave.

Todos se prostraram, colocando os braços ao lado do corpo. Seria de se esperar que no aposento cheio os movimentos simultâneos de tantos corpos devessem ser desajeitados, mas não foi esse o caso; moveram-se com harmonia e em silêncio, o que depunha a favor da agilidade da raça.

— Sou Cakhmaim, guerreiro do clã Eikh'mir — apresentou-se o noghri, fitando o chão. — Lidero a guarda de honra da *Mal'ary'ush*. A seu serviço e proteção dedicamos nossas vidas.

— Podem levantar-se — comandou Leia, com voz solene e majestosa.

— Como *Mal'ary'ush* aceito vosso serviço.

Han observou-a, descobrindo que o rosto e a postura eram tão nobres quanto a voz. Era o tipo de autoridade que acionava seus circuitos de desobediência, só que nela ficava bem.

Os noghri levantaram-se, sem o menor ruído.

— Este é meu tenente, Mobvekhar, do clã Hakh'khar — apresentou Cakhmaim, indicando o noghri à sua direita. — Ele vai liderar o segundo turno da guarda.

— Meu marido, Han Solo — disse Leia, fazendo o gesto apropriado.

Cakhmaim voltou-se para Han, que teve de fazer certo esforço para manter a mão longe do desintegrador.

— Nós o saudamos — afirmou, solene o noghri. — Os noghri prestam homenagem ao consorte da Lady Vader.

*O consorte?* Han olhou perplexo para Leia, que mantinha a expressão séria, mas apresentava a sombra de um sorriso divertido nos cantos da boca.

— Obrigado. E bom conhecer vocês, também.

— Khabarakh — chamou Leia, estendendo a mão para outro noghri. — E bom ver você de novo. Espero que a maitrakh de sua família esteja bem.

— Ela está muito bem, minha lady. Manda saudações, assim como renova a oferta de ajuda — respondeu o noghri.

Atrás de todos, a porta abriu-se e Chewbacca entrou.

— Algum problema? — quis saber Han, contente por mudar de assunto.

Chewbacca rugiu uma negativa, enquanto os olhos percorriam o grupo.

Avistou Khabarakh e aproximou-se rosnando as boas vindas. A manifestação foi correspondida.

— Que outros irão ficar sobre nossa proteção, Lady Vader?

— indagou Cakhmaim.

— Minha assistente, Winter e meus gêmeos — disse Leia.

— Entre, vou mostrar tudo.

Ela dirigiu-se com Cakhmaim e Mobvekhar até o quarto. O restante dos alienígenas espalhou-se pelo recinto, dando atenção especial às paredes e às portas. Chewbacca e Khabarakh saíram conversando animados em direção ao quarto de Winter.

— Você ainda não gosta da idéia, certo? — disse Luke a Han.

— Para dizer a verdade, não — admitiu Han, observando Chewbacca e Khabarakh. — Mas não acho que eu tenha muita escolha.

Luke deu de ombros.

— Você e Chewbacca poderiam ficar. Lando, Mara e eu podemos dar conta do recado.

— Ou você podia levar os noghri — sugeriu Han, — Ao menos lá não teria de se preocupar em que alguém os visse.

— Ninguém vai nos ver aqui — afirmou uma voz felina, perto do cotovelo de Han.

Han deu um salto, a mão procurando o coldre enquanto girava o corpo. Havia um noghri ali, embora ele fosse capaz de jurar que todos estavam longe dele.

— Vocês sempre espionam as pessoas assim, é?

— Desculpe, nobre consorte da Lady Vader. Não quis ofendê-lo.

— Eles são ótimos caçadores — comentou Luke.

— E, já ouvi falar — concordou Han, embora sua dúvida não fosse sobre a *habilidade* dos noghri. — Escute, Luke...

— Está tudo bem, Han — interrompeu o Jedi. — Eles são leais. Leia já confiou sua vida a eles.

— Certo — concordou Han, tentando apagar a imagem de Leia e dos gêmeos em mãos do Império. — Tudo está bem no espaçoporto?

— Sem problemas — assegurou Luke. — Wedge e um par de companheiros da Esquadrilha Rogue estavam lá para escoltá-los e Chewie entrou na nave escondido. Ninguém nos viu entrar no palácio, também.

— Espero que tenha- lembrado de selar a porta. Se outro grupo do Império penetrar, Leia está perdida.

— Está fechada mas não selada em definitivo. Vamos pedir a Cakhmaim para selar depois que sairmos.

Han franziu a testa, uma sensação desagradável formando-se no estômago.

— Está sugerindo que a gente vá *agora*?

— Você pode imaginar uma hora melhor? — argumentou Luke. — Quero dizer, os noghri estão aqui, o *Falcon* está carregado e pronto. Ninguém vai dar por falta de Mara até o amanhecer.

Han olhou por sobre o ombro de Luke, para onde Leia saía do quarto com sua escolta. Tinha de admitir que fazia sentido. Mas de alguma forma, esperava que ele e Leia tivessem mais tempo juntos.

Exceto que o Império continuaria fabricando clones...

— Está certo. Por quê não? — respondeu, por fim.

— Eu sei, e sinto muito — disse Luke.

— Esqueça. Como quer fazer?

— Lando e eu vamos apanhar Mara. Você e Chewie decolam com o *Falcon* e nos apanham. Não esqueçam de levar os dróides.

— Certo — disse Han, sentindo o lábio formar um sorriso irônico. Já não bastava deixar Leia e as crianças para invadir outra fortaleza do Império... tinha também de levar Threepio. A coisa ficava cada vez melhor. — Você pegou a algema eletrônica que Chewie fabricou para o dróide?

— Está aqui. Sei onde colocá-la, também.

— Não erre. Se um dróide G-2RD der o alarme, vai ter de cortar a cabeça dele para silenciá-lo.

— Pode deixar — disse Luke. — Vamos encontrá-lo onde escondemos aquela nave noghri... Chewie sabe onde é.

Voltou-se e caminhou até a porta.

— Boa sorte — desejou Han, em voz baixa. — E você? O que está olhando?

O noghri baixou a cabeça.

— Não quis ofender, consorte da Lady Vader — assegurou ele.

Voltou-se e continuou a examinar a parede.

Han olhou em volta, procurando Leia. Havia concordado em partir naquela noite; porém não iria a lugar nenhum até despedir-se da esposa. Em particular.

O Imperador levantou as mãos, enviando cascatas de faíscas contra seus inimigos. Os dois homens hesitaram perante o contra-ataque e Mara observou, nutrindo a esperança agoniada de que o final daquela vez fosse diferente. Mas, não. Vader e Skywalker endireitaram-se, e com um grito quase eletrônico de raiva, levantaram os sabres-laser...

Mara acordou, a mão procurando embaixo da cama o desintegrador que não estava lá. O grito que soara no sonho fora o alarme do dróide G-2RD, ao lado de fora do quarto. Um alarme que fora cortado pela metade...

Do outro lado do aposento, a fechadura abriu-se. Mara procurou sobre a cama a prancheta de leitura que estivera consultando... assim que a porta se abriu, atirou-a com toda a força na direção do vulto parado ali.

O projétil improvisado nunca chegou a atingir o alvo. A figura levantou uma das mãos e a prancheta parou, imóvel, no ar.

— Está tudo bem, Mara. Sou eu... Luke Skywalker. Mara projetou os sentidos na direção do intruso e descobriu que ele não mentia.

— O que você quer? — indagou ela.

— Estamos aqui para libertar você — explicou ele, acendendo a luz da escrivaninha. — Vamos... você precisa se vestir.

— Preciso, é? — repetiu ela, estreitando os olhos contra a luz ofuscante.

— Se importa de dizer onde vamos?

— Vamos para Wayland — esclareceu ele, franzindo a testa. — Leia disse que você era capaz de encontrá-lo.

— E, foi o que eu disse a ela. Mas não falei nada sobre levar alguém para lá.

— Mas você precisa nos levar, Mara — afirmou Skywalker, com o mesmo idealismo irritante que a impedira de matar C'baoth. — Estamos à beira de começar uma nova Guerra Clônica. Não podemos permitir que isso aconteça.

— Pois vá impedir. Essa guerra não é minha, Skywalker. Porém as palavras não passavam de uma reação reflexa e ela sabia disso. No minuto em que contara a Organa Solo sobre o depósito do Imperador, tinha se comprometido com esse lado da guerra e isso significava fazer o que era preciso, mesmo que isso incluísse levá-los a Wayland.

Com todo o treino Jedi que possuía, Skywalker devia saber disso, também. Felizmente teve o bom senso de não lhe atirar os fatos ao rosto.

— Muito bem, então espere lá fora. Saio num minuto — disse ela.

Enquanto se vestia, teve tempo de verificar a área em volta com seus sentidos Jedi ainda em desenvolvimento e não ficou surpresa ao encontrar Calrissian aguardando com Skywalker ao lado de fora. Mas ficou surpresa com a condição de seu dróide-carcereiro. Pelo alarme interrompido esperava encontrá-lo em vários pedaços; ao invés disso, estava intacto ao lado de sua porta, tremendo de raiva ou frustração.

— Colocamos uma algema eletrônica nele — explicou Skywalker, sem que ela precisasse formular a pergunta.

Mara examinou o dispositivo preso ao lado do dróide.

— Não sabia que se podia fazer isso com dróides-carcereiros.

— Não é fácil, mas Han e Chewie sabiam como fazer — contou ele, enquanto corriam na direção dos turboelevadores. — Acharam que isso iria tornar a fuga da prisão mais difícil de perceber.

*Fuga da prisão.* Mara examinou o perfil de Skywalker, encarando tudo sob uma nova perspectiva. Lá estava ele: Luke Skywalker, Cavaleiro Jedi, herói da Rebelião, baluarte da lei e da justiça... e acabava de desafiar todo o sistema sob o qual vivia, contrariando Mon Mothma, para retirar a ela, Mara Jade, uma contrabandista a quem ele não devia nada e que, ainda por cima, tinha prometido matá-lo.

Tudo por ter pressentido o que precisava ser feito. E confiava nela para ajudá-lo.

— Um belo truque — murmurou Mara, olhando o corredor à medida que corriam, os olhos e a mente em estado de alerta.

— Vou pedir a Solo que me ensine.

Calrissian aterrissou a moto aérea no que parecia ser um espaçoporto particular. O *Millenium Falcon* já se encontrava lá e um Chewbacca nervoso e impaciente mantinha a escotilha aberta para eles.

— Já não era sem tempo — reclamou Han quando entraram na cabine.

— Muito bem, Mara, para onde vamos?

Ela reparou que mal haviam se acomodado e a nave já flutuava. Han devia estar tão ansioso como Chewbacca.

— Estabeleça o curso para Obroa-skai — disse ela. — Essa foi a última parada antes de Wayland na viagem que fiz. Acho que posso reconstituir o caminho, talvez antes de chegarmos lá.

— Vamos esperar que sim — disse Solo, digitando as coordenadas. — E melhor colocarem o cinto logo... vamos passar para o hiperespaço assim que for possível.

Mara acomodou-se na poltrona atrás de Han e Skywalker acomodou-se na outra.

— Que tipo de força de ataque estamos levando?

— Está olhando para ela — respondeu Solo. — Eu, você, Luke, Lando e Chewie.

— Certo... não acha que estamos exagerando um pouco? — indagou ela, engolindo em seco.

Cinco contra as possíveis defesas que Thrawn tivesse designado para sua base de importância vital. Maravilhoso.

— Não tínhamos mais do que isso em Yavin — lembrou Solo. — Nem em Endor.

— Sua confiança me comove — declarou, olhando para as costas dele e tentando sentir raiva.

Tudo o que sentiu foi uma espécie de dor amortecida.

— Você sempre pode obter vantagem, não fazendo o que o outro lado espera que você faça... me lembre algum dia de contar como consegui fugir de Hoth.

Atrás deles a porta deslizou e Chewbacca entrou na cabine.

— Tudo certo lá atrás? — quis saber Solo.

O wookie rugiu algo que parecia uma afirmação.

— Ótimo. Verifique os abafadores aluviais... a leitura estava em vermelho agora há pouco.

Mais um grunhido e Chewbacca começou a trabalhar.

— Antes que eu esqueça, Luke — continuou Solo. — Você fica encarregado dos dróides lá atrás. Não quero ver Threepio brincando com nenhum equipamento, a menos que Lando ou Chewbacca esteja com ele. Certo?

— Tudo bem — respondeu Skywalker, percebendo o olhar de Mara. — É que Threepio tem tempo sobrando e anda se interessando por mecânica.

— E é péssimo nisso — completou Solo. — Muito bem, Chewie, apronte-se. Lá vamos nós.

Ele moveu os manetes do hiperdrive, alterando o céu... e logo estavam a caminho, à velocidade da luz. Cinco combatentes, para invadir uma fortaleza do Império.

Mara olhou para Skywalker. O único homem que confiava nela era o mesmo que tinha de matar.

— Seu primeiro comando desde que desistiu de sua patente militar — comentou o Jedi, no silêncio que se seguiu.

— É. Vamos esperar que não seja o último — disse Solo.

— A força-tarefa do *Belicoso* chegou, capitão — avisou o oficial de comunicações para a ponte do *Quimera*. — O capitão Aban informa

que todas as naves estão em condições de batalha e pede as ordens finais.

— Passe as ordens para ele, tenente — instruiu Pellaeon. Observava, através do visor, um novo grupo de luzes de navegação a estibordo e tentava suprimir a apreensão que se espalhava como fumaça envenenada em suas estranhas. Não havia problema que Thrawn reunisse a elite experiente do Império para o que parecia um ataque de efeito a Coruscant; o que não parecia tranquilizador era a possibilidade de que de que o ataque não parasse por aí. C'baoth encontrava-se a bordo e a única coisa que ele conseguia pensar nos últimos dias parecia ser Organa Solo e seus gêmeos. Ele já demonstrara sua habilidade de controlar a tripulação do *Quimera*, uma brincadeira arrogante que havia atrasado a operação principal por várias horas. Se decidisse tentar outra vez no meio da batalha...

Pellaeon fez uma careta, tentando expulsar as fantasmagóricas memórias da derrota em Endor. A segunda Estrela da Morte findara ali, junto com o destróier de Vader, o *Executor* e muitos dos melhores e mais experientes combatentes do corpo de oficiais. Se a interferência de C'baoth precipitasse um desastre daquelas proporções... se o Império perdesse o Grande Almirante Thrawn e o melhor de sua força em destróieres estelares, talvez nunca mais se recuperasse.

Ainda observava a reunião da frota, tentando diminuir as preocupações, quando um sentimento de inquietude irrompeu na ponte. Mesmo sem se voltar, soube qual era o motivo.

C'baoth estava lá.

A poltrona de comando e o ysalamiri protetor encontravam-se a mais de doze passos de distância... longe demais para caminhar sem dar na vista. Nenhum dos outros ysalamiri da ponte estavam ao seu alcance, tampouco. Não adiantaria nada sair correndo como um animal assustado no meio da tripulação, mesmo que C'baoth deixasse.

E se o Mestre Jedi resolvesse paralisá-lo como fizera com toda a tripulação em Bilbringi...

Um arrepio percorreu as costas de Pellaeon. Vira os relatórios médicos dos que se recuperavam na enfermaria e não tinha a menor



vontade de passar por aquilo. Além do desconforto e da confusão emocional, tal humilhação pública diminuiria sua autoridade.

Só podia esperar que fosse dar a C'baoth o que ele desejava sem parecer fraco e servil. Voltando-se para o Mestre Jedi, lembrou que esse mesmo sentimento de medo da humilhação fora o que iniciara a ascensão do Imperador ao poder.

— Mestre C'baoth. O que posso fazer pelo senhor? — indagou ele.

— Quero uma nave preparada para meu uso. Imediatamente — anunciou C'baoth, o olhar brilhando com um estranho fogo interior. — Com autonomia suficiente para me levar até Wayland.

— Até... Wayland?

— Isso mesmo. Há muito tempo que eu avisei que assumiria o comando por lá. Chegou o momento.

— Tive a impressão de que havia concordado em coordenar o ataque a Coruscant — observou o capitão.

— Mudei de idéia — interrompeu C'baoth.

— Aconteceu alguma coisa em Wayland?

C'baoth olhou para Pellaeon, que teve a estranha impressão de só então ter sido notado.

— O que acontece ou deixa de acontecer em Wayland não é problema seu, capitão Pellaeon. Sua única preocupação é conseguir uma nave para mim — declarou C'baoth, olhando a seguir para fora. — Ou será que eu mesmo preciso escolher?

Um movimento na parte traseira da ponte chamou a atenção de Pellaeon: era o Grande Almirante Thrawn, chegando de sua sala de comando para verificar os preparativos finais para o ataque a Coruscant. Os olhos vermelhos relancearam pelo ambiente, reparando na presença de C'baoth, e parando um instante para verificar a postura de Pellaeon; virou a cabeça e um soldado portando um ysalamiri avançou até o seu lado. Juntos, aproximaram-se.

— Você irá me preparar uma nave, Grande Almirante Thrawn — declarou o Mestre Jedi. — Quero viajar para Wayland imediatamente.

— Quer mesmo? — indagou Thrawn, aproximando-se do capitão. Por fim o soldado ficou entre os dois oficiais, envolvendo Pellaeon na bolha da Força. — Posso saber por quê?

— Os motivos são pessoais. Pretende questioná-los?

Por um instante, o capitão acreditou que seu superior fosse aceitar o desafio.

— De forma alguma. Se deseja viajar para Wayland, pode fazer isso agora mesmo. Tenente Tschel?

— Senhor? — respondeu um jovem no poço da tripulação a bombordo.

— Envie um sinal para a *Cabeça da Morte*. Informe ao capitão Harbid que o galeão estelar *Draklor* deve ser destacado do grupo e colocado à minha disposição. Eu providencio soldados e passageiros.

— Sim, Grande Almirante — respondeu o tenente, caminhando para o console de comunicação.

— Não pedi soldados, nem passageiros, Grande Almirante Thrawn — protestou C'baoth.

— Estou planejando há algum tempo mandar o general Covell para assumir o comando da guarnição do monte Tantiss e preciso também completar o número de soldados lá. Parece um bom momento para fazer isso.

O Mestre Jedi olhou para Pellaeon, depois para Thrawn.

— Está certo — concedeu ele. — Mas a nave vai ser *minha*... não de Covell. *Eu* dou as ordens.

— Mas claro, Mestre C'baoth — concordou o Grande Almirante. — Vou informar ao general.

— Certo... — A boca de C'baoth murmurou a palavra por trás da barba branca. Por um instante, Pellaeon pensou que ele fosse perder outra vez o controle. A cabeça inclinou-se para o lado, mas logo a seguir ele recuperou-se. — Certo... estarei em meus aposentos. Me chamem quando a nave estiver pronta.

— Como quiser — respondeu Thrawn.

C'baoth atirou mais um olhar penetrante a cada um deles, depois afastou-se.

— Informe o general Covell dessa mudança de planos, capitão. O computador tem uma lista de soldados e membros da tripulação designados como moldes de clones; as ordenanças de Covell se

encarregarão de que sejam colocados a bordo do *Draklor*, juntos com uma companhia formada pelos melhores soldados.

Pellaeon franziu a testa. Os soldados de Covell... e o próprio general, haviam sido designados para substituir as tropas de choque que abriam caminho até Qat Chrystac.

— O senhor acredita que o monte Tantiss esteja em perigo?

— Em perigo imediato, não — disse Thrawn. — Ainda assim, é possível que nosso dileto Mestre Jedi tenha preparado alguma coisa... como deixar os nativos descontentes, ou algo parecido. E melhor não arriscar.

— Isso teria algo a ver com os Rebeldes? — indagou o capitão, olhando para a estrela que era o sol de Coruscant.

— E improvável. Não há indicação que suspeitem sequer da existência de Wayland, quanto mais para planejar uma ação de ataque. Se e quando isso acontecer, teremos notícias prévias sobre as intenções dos Rebeldes.

— Via Fonte Delta.

— E via canais regulares da Inteligência — completou o Grande Almirante, sorrindo de leve. — Ainda perturba você, o fato de receber informações de uma fonte que não compreende?

— Um pouco, senhor — admitiu o capitão.

— Considere como uma oportunidade de construir confiança. Algum dia vou explicar a Fonte Delta para você. Mas ainda não chegou a hora.

— Sim, senhor.

Pellaeon olhava para a frente, por onde C'baoth tinha saído. Alguma coisa perturbava sua mente, com relação a C'baoth e Wayland. Não sabia o que, mas a sensação persistia.

— Parece perturbado, capitão — disse Thrawn. Pellaeon sacudiu a cabeça.

— Não gosto da idéia dele ficar no monte Tantiss, Grande Almirante. Mas não sei porque. Simplesmente não gosto.

Thrawn seguiu-lhe o olhar.

— Eu não me preocuparia tanto com isso, capitão. Na verdade, é mais uma solução do que um problema.

— Não entendo, senhor...

— Tudo na hora certa, capitão. Mas agora vamos aos assuntos mais urgentes. Minha nave-capitânia está pronta?

Pellaeon sacudiu os pensamentos da cabeça. Aquele momento, no centro do território da Rebelião, não era hora para temores infundados.

— O *Quimera* está à sua disposição, Grande Almirante.

— Ótimo — comentou Thrawn, relanceando os olhos pela ponte, depois para o capitão. — Veja se o resto da força-tarefa está pronto, enquanto esperamos que o *Draklor* possa partir e sair do sistema. E depois... depois vamos mostrar à Rebelião como é que se luta uma guerra.